Anno de 1846. Quinta feira 5 de Março. Anno XXII N. 52.

O DIARIO publica-se todos os dias que não forem de guarda: o preço da assignatura he de 4$000 rs. por quartel *pagos adiantados*. Os annuncios dos assignantes são inseridos a razão de 20 réis por linha, 40 rs. em typo differente, e as repetições pela metade. Os que não forem assignantes pagão 80 rs. por linha, e 160 em typo differente.

PHASES DA LUA NO MEZ DE MARÇO.

Crescente a 4 as 8 hor. e 11 min. da tard.
Lua cheia a 12 as 11 hor. e 28 min. da tard.
Mingoante a 20 as 11 h. e 37 min. da man.
Lua nova a 27 as 3 hor. e 30 min. da man.

PARTIDAS DOS CORREIOS.

Goianna, e Parahyba, Segd.as e Sextas feiras.
Rio Grande do Norte, chega nas quartas feiras ao meio dia, e parte nas mesmas horas nas quintas feiras.
Cabo, Serinhaem, Rio Formoso, Porto Calvo, e Maceyó, no 1.º, 11 e 21 de cada mez.
Garanhuns e Bonito a 10 e 24.
Boa-Vista e Flores a 13 e 28.
Victoria nas quintas feiras.
Olinda todos os dias.

PREAMAR DE HOJE.

Primeira as 10 h. e 54 minutos da manhãa.
Segunda as 11 h. e 18 minutos da tarde.

DIAS DA SEMANA.

2 Segunda S. Simplicio, aud. do J. dos orf. e do J. do C. da 2. v., do J. M. da 2.
3 Terça S. Cunegundes, aud. do J. do civ. da 1. v., e do J. de paz do 2. dist. de t.
4 Quarta S. Casimiro, aud. do J. do civ. da 2. v., e do J. de paz do 2. dist. de t.
5 Quinta S. Theofilo, aud. do J. de orf., e do J. M. da 1. v.
6 Sexta S. Ollegario, aud. do J. do civ. da 1. v., e do J. de paz do 1. dist. de t.
7 Sabbado S. Perpetua, aud. do J. do civ. da 1. v., e do J. de paz do 1. dist. de t.
8 Domingo S. João de Deos.

CAMBIOS NO DIA 4 DE MARÇO.

Camb. sobre Londres, 28 d. p. 1$ a 60 d.			
» » Paris 350 réis por franco.			
» » Lisboa 105 p. c. pr. p. m.			
Desc. de let. de boas firmas 1 ½ p. % mez			
Ouro-Onças hespanholas	31$000	a	31$500
» Moeda de 6$400 vel.	16$000	a	17$000
» » de 6$400 nov.	16$500	a	16$800
» » de 4$000	8$800	a	9$000
Prata-Patacões	1$940	a	1$970
» Pesos Columnares	1$960	a	1$980
» Ditos Mexicanos	1$900	a	1$920
» Prata Miuda	1$600	a	1$700
Acções da C.ª do Beberibe de 50$000 ao par.			

DIARIO DE PERNAMBUCO.

INTERIOR.

BAHIA.

UM SUICIDIO.

No dia 13 do corrente (fevereiro), na freguezia da Conceição-da-Praia, na rua do Coberto do meio, e loja n.º 36, suicidou-se, pelas 11 horas e meia da noute, com um tiro de pistola, o subdito portuguez Francisco Luiz Vieira, chapeleiro, com 25 annos de idade. Ainda se não sabe o que daria motivo para este infeliz ter assim attentado contra sua vida. Achárão-se em sua casa tres pistolas, duas de algibeira carregadas, e de cano de bronze; e a outra de cano de ferro, de meio alcance, a qual estava disparada.

Além de sentirmos tal acontecimento, lamentamos, que, tendo delle noticia o respectivo inspector de quarteirão ás 7 horas da manhãa, désse parte ao subdelegado ás 11 horas do dia. Esta estranhavel demora dá causa justa para se exigir mais actividade nos agentes da policia. Acudindo-se prestes a um accidente semelhante, e dando-se logo as providencias possiveis, muitas vezes se poderá salvar a um infeliz. Porém com estas e outras morosidades, morrerão muitos, já não em consequencia immediata de um primeiro mal, e sim por não se obster a um outro mal subsequente ao primeiro.

Acabamos de saber que o suicidado começou uma carta relatando a origem da resolução, que tomou, porém não a acabou, deixando em obscuro o que a isso o movêra. Tambem agora se nos diz, que depois de ter elle visto a narração do suicidio, que ha pouco aconteceo no Rio-de-Janeiro, não cessava de gabar ao que o commettêra.

Outro acontecimento teve lugar no dia 14 do corrente (fevereiro). Um estivador, de nome Manoel da Soledade, morador no Pilar, subindo ao quintal da casa, em cujo terceiro andar morava, sendo o quintal mais alto do que a mesma casa, dêo uma queda, indo vêr umas alvarengas, que dalli avistára, e immediatamente morreo.

M.

CACHOEIRA 8 DE FEVEREIRO DE 1846.

« Acabamos de soffrer uma enchente do rio Paraguassu', que divide esta cidade da povoação de S. Felix, a qual, principiando a subir o caes no dia 29 do passado pela manhãa, se elevou de 13 á 14 palmos sobre elle até o dia 6 do presente, em que o rio tomou seu leito, e inundou mais de 600 casas entre esta cidade e a dita povoação, e até mesmo metade da praça, ficando debaixo da agoa as principaes ruas do commercio. Póde-se considerar a enchente aqui como uma calamidade publica, porque, além do grande incommodo, que causa com as mudanças repentinas, que de necessidade se fazem, accrescem a paralisação e outros inconvenientes no commercio, e mesmo furtos, a que estão expostas as propriedades d'aquelles, que n'estas occasiões se mudão, pois que a policia n'esta e em outras enchentes proximas, que teem havido, tem sempre dormido o somno da indifferença: ainda mesmo depois da cheia tem continuado o mal, pois que, ficando as ruas atulhadas de grandes lamaçaes, o que concorre bastante para graves molestias n'estas occasiões, nenhuma providencia a respeito tem partido da camara municipal, á cujo cargo estão a limpeza e asseio das ruas. Em fim as enchentes aqui se teem tornado mui frequentes, tivemos uma em dezembro do anno passado, e em menos de 2 mezes já esta, em dezembro de 1844 tivemos duas, uma no principio do mez e outra no fim, e não sei, se ainda teremos outra, porque o rio conserva-se com bastante agoa; no entretanto a Cachoeira, que he digna de melhor sorte, por ser a segunda cidade da provincia, nenhuma attenção tem merecido da parte do governo, e muito menos da assembléa provincial, que jámais procurárão minorar os males de seus habitantes, o que talvez fosse bem facil, fabricando-se algum canal, que servisse para desviar parte das agoas para algum outro rio, ou para algum valle, que servisse de recepetaculo d'ellas, e d'esta arte nos preservasse de grandes cheias. »

Consta-nos, que enchentes produzidas por copiosas chuvas, começão a fazer seus costumados estragos na Cachoeira, em Santo-Amaro, e em Nazareth. Quando começaremos a curar dos melhoramentos materiaes, de que tanto carece esta provincia? Em vez de planos, já he tempo de obras! Tudo o mais he mystificar-nos; perto de dous milhões de cruzados despende annualmente a Bahia. . . . não sabemos em que, mas parece-nos, que não seria fóra de proposito gastar uma pequena parte de tão enorme quantitativo com obras de reconhecida utilidade, que males da natureza dos que ficão apontados, e que todos os annos assolão a provincia, apontão como as mais urgentes.

(*Correio Mercantil.*)

PERNAMBUCO.

TRIBUNAL DO JURY.

SESSAÕ EM 3 DE MARÇO DE 1846.

Presidencia do Sr. doutor Ferreira Gomes.

As 11 horas da manhãa, feita a chamada, verifica-se estarem presentes 44 Srs. jurados.

O Sr. Presidente declara aberta a sessão, e condemna em 10$ rs. de multa os Srs.: Dr. José Bento da Cunha Figueiredo, Dr. José Bernardo Galvão Alcanforado, João Bezerra Monteiro, Manoel José dos Santos Araujo, João Pereira da Costa, Antonio Gonçalves Ferreira, e Candido Thomaz Pereira Dutra: em seguida diz – vai proceder-se ao sorteamento do concelho, que tem de julgar o accusado Manoel Alves da Costa.

Feito o sorteamento, e prestado o juramento com as formalidades da lei, o Sr. presidente faz ao réo o seguinte

INTERROGATORIO.

O Sr. Presidente: – Como he o seu verdadeiro nome?

Réo: – Manoel Alves da Costa.

O Sr. Presidente:—Sabe a razão, por que foi preso?

Réo:—Sim, Sr.

O Sr. Presidente: —Qual he?

Réo: — Por ser pegado com um punhal.

O Sr. Presidente: — He verdade que foi preso com esse punhal?

Réo:—Sim, Sr.

O Sr. Presidente:—Lembra-se a que hora da noute foi preso!

Réo:—Não, Sr.

O Sr. Presidente:—Seria a uma hora da noute?

Réo:—Não estou certo.

O Sr. Presidente:—Era de noute?

Réo:—Era de noute, sim, Sr.

O Sr. presidente dá por findo o interrogatorio, que, reduzido a escripta pelo escrivão e por elle lido, foi assignado pelo accusado.

O Sr. Escrivão lê as peças do processo, constantes da participação official, confissão do réo e depoimento de cinco testemunhas de vista, as quaes asseverão ter sido tomado o punhal ao accusado na occasião da prisão, e que esta tinha sido feita de noute: accrescentando a primeira (o alvorado da patrulha), que um homem lhe fôra denunciar á Ribeira, que o accusado se achava na sociedade—Nova-Natalicia—, sita na rua da Penha, armado de um punhal: e a segunda (soldado da mesma patrulha), que um tal Carneiro lhe affirmára, que o accusado trazia comsigo um punhal, o que se reconhecêra ser verdade, se acaso corressem-se todas as pessoas, que estivessem em dita sociedade, trajando roupa branca; e que a patrulha isto fizera, encontrando no accusado o punhal, de que faz menção a parte official.

O Sr. Dr. Promotor sustenta a accusação com as provas constantes dos autos, e pede a condemnação do réo no grão maximo do artigo 3.º da lei de 26 de outubro de 1831 (seis mezes de prisão); por se dar a circumstancia aggravante do § 1.º do artigo 16 do codigo criminal.

São chamadas duas testemunhas, das quaes a primeira apenas depõe, que, estando á dormir, a acordárão com a noticia, de que tinha sido preso o accusado com um punhal, e que elle testemunha sahira e ainda o encontrára na rua do Livramento; e a segunda, que não se fazia uso de punhal nos ensaios do presepe; e que mesmo nas representações, no theatro publico, o punhal, de que se servião, era de flandres: e quanto ao que dissera a segunda testemunha, na formação da culpa, de ter elle sido o denunciante (pois que era elle o tal Carneiro) era falso, porque na occasião, em que isso aconteceo, ensaiava elle umas quadrilhas com as meninas do dito presepe.

O advogado do réo, o Sr. Borges da Fonseca, defende-o, dizendo que lhe parecia haver sido preparada uma trama para que o accusado fosse ao tribunal; que elle não podia ser considerado criminoso, segundo as leis do paiz; que não tinha perfeito conhecimento do mal, nem intenção de o praticar, pois tinha levado o punhal para um fim innocente; e que, havendo estas circumstancias attenuantes, pedia a absolvição do réo.

O Sr. Dr. Promotor responde, que estava provado o crime; que não podia prevalecer a razão, dada pelo réo na formação da culpa, de que tinha levado o punhal, a pedido de alguns socios, para a representação de um acto do drama, que se ensaiava, porquanto as testemunhas que jurárão, e que pertencião a mesma sociedade, não mencionavão esta necessidade; e até accrescentava uma dellas, que nos ensaios não se usou desse instrumento, e que mesmo nas representações, apenas se servirão de um punhal de flandres.

O Sr. Advogado faz ainda algumas considerações á respeito.

Fin das as allegações oraes, o Sr. presidente faz o relatorio do estylo e entrega os quesitos ao concelho, que, depois de se haver por um pouco demorado na sala das conferencias, sahe com o verdict, que declara haver o réo commettido o crime de que he accusado, porém com algumas circumstancias attenuantes.

O Sr. Presidente, conformando-se com a declaração do jury, condemna o réo a *um mez de prisão com trabalho, e nas custas.*

Em seguida o mesmo Sr. presidente observa, que se vai proceder ao sorteamento do concelho, que tem de julgar o processo do accusado Joaquim José Leandro.

Sorteado o concelho, e prestado o juramento com as formalidades prescriptas na lei, o Sr. presidente faz ao réo o seguinte

INTERROGATORIO.

O Sr. Presidente:—Qual he o seu verdadeiro nome?

Réo:—Joaquim José Leandro, de 20 annos de idade (*riso*).

O Sr. Presidente:—Não lhe pergunto a sua idade.. Aonde estava quando foi preso?

Réo:—No dia 24 de Agosto fui ao Afogado a casa de meu sogro buscar minha familia.

O Sr. Presidente:—E não foi encontrado e preso com uma faca de ponta?

Réo:—Não Sr., fui preso sem cousissima nenhuma, tal e qual como estou aqui.

O Sr. Presidente:—Teve algumas razões com seu sogro?

Réo: – Não Sr., e como estavamos embriagados não sei o que lhe disse de palavras, e elle chamou a patrulha.

O Sr. Presidente: – Então elle he, que, sem haver razões, chamou a patrulha?

Réo: – Como elle estava tambem embriagado fez isso.

Dado por findo o interrogatorio, he assignado por duas testemunhas, em consequencia de declarar o réo, que não sabia escrever.

O Sr. Escrivão lê as peças do processo, constantes da participação official, do depoimento de oito testemunhas, sendo cinco de vista, quanto a achada da faca, e 3 de ouvir dizer; e que accrescentão, que o réo tinha resistido á prisão, servindo-se da faca; e que fôra preso por estar á porta do sogro, insultando-o de palavras.

O Sr. Dr. Promotor sustenta a accusação intentada contra o réo, com as provas resultantes do depoimento das testemunhas; e pede, pelo crime de uso de armas defesas, a sua condemnação no grão maximo do artigo artigo 3.º da lei de 26 de outubro de 1831, por se dar a circumstancia aggravante do § 1.º do artigo 16 do codigo criminal, e pelo de ameaças, a imposição das penas do artigo 207 do codigo penal; diz, que a allegação de embriaguez, com que o réo parece se querer apadrinhar, lhe não póde aproveitar, por quanto, além de não estar provada, he uma evasiva, á que costumão recorrer todos os réos, quando convictos de seus crimes; e observa, que para a embriaguez se considerar circumstancia attenuante he necessario, que se dêem os quesitos do § 9.º do artigo 18.

O advogado do réo, o Sr. Borges Mendes, defende-o, allegando, que elle tem a seu favor a circumstancia attenuante do § 1.º do artigo 18 do codigo criminal (Não ter havido no delinquente pleno conhecimento do mal, e directa intenção de o praticar); e bem assim aquella de não ter commettido o crime por motivo frivolo, ou reprovado; pois a contestação, que teve com o sogro foi por não querer este, que trouxesse elle a mulher, em cuja busca havia ido; nota, que o réo, como para desenfado do pesado trabalho, á que se vê forçado, havia bebido alguma cousa, e se achava embriagado, e que estas circumstancias devem de concorrer para a sua absolvição; diz, que o crime de ameaças, se não acha provado; e conclue pedindo, que em attenção a já haver tido o réo oito mezes de prisão, e ao que allegado tem, seja elle absolvido, ou, quando muito, condemnado no grão minimo do artigo 3.º da lei de 26 de outubro de 1831.

O Sr. presididente faz o relatorio da causa ao jury, entrega-lhe o processo, este se recolhe á sala das conferencias; e, passadas duas horas, sahe com a declaração de que o réo he criminoso quanto ao uso de armas defesas, com a circumstancia aggravante da noute, e innocente quanto ao crime de ameaças.

FOLHETIM.

A RAINHA MARGOT. (*)

POR Alexandre Dumas.

SEXTO VOLUME.

CAPITULO II.

AS INVESTIGAÇÕES.

O espectaculo que se offereceu aos olhos dos dous mancebos ao entrarem no circulo, foi daquelles que nunca mais se esquecem, ainda que por uma só vez, por um só instante sejão vistos.

Tinha Carlos IX, como dissemos, visto o desfilar de todos os gentis-homens fechados na choupana dos monteiros, e tirados um após outro pelos seus guardas.

Elle e d'Alençon seguião com avidos olhos todos os movimentos, esperando vêr sahir por sua vez o rei de Navarra com sua esposa.

Illudida foi a sua esperança.

Mas isto não bastava, era preciso saber o que era feito delles.

Por isso, quando na extremidade da alameda se vio apparecerem os dous jovens esposos, d'Alençon descorou, Carlos sentio dilatar-se-lhe o coração, porque instinctivamente desejava que tudo quanto seu irmão o havia obrigado a fazer recahisse sobre elle.

— Ainda escapará, murmurou d'Alençon cada vez mais pallido.

Nesse momento o rei foi atacado de tão violentas dores nas entranhas, que deixou cahir as redeas, com as mãos cerrou as ilhargas, e soltou gritos como um homem em delirio.

Henrique approximou-se açodado; mas durante o tempo que elle gastou para percorrer os duzentos passos, que o separavão de seu cunhado, Carlos havia já alliviado.

— Donde vindes vós, Sr. meu? disse o rei com voz tão dura, que abalou Margarida.

— Donde?......... da caça, meu irmão, respondeo elle.

— A caça estava na margem do rio, e não na floresta.

— O meu falcão lançou-se sobre um faisão, Sr., no momento em que haviamos ficado atrás para vêr a garça.

— E onde está o faisão?

— Ei-lo aqui, e bem bonito, não achais?

E Henrique com o seu ar o mais innocente apresentou a Carlos o seu passaro de purpura, azul e ouro.

— Ah! ah! disse Carlos, e, apanhado o faisão, porque não viestes ter commigo?

— Porque elle tinha dirigido o vôo para a tapada, Sr., de sorte que, quando descemos para o rio, vimos a V. magestade adiante de nós uma meia legoa, subindo já para a floresta, então deitamos a galope pelos vossos vestigios, porque, convidados da caçada de V. magestade, não quizemos perdê-la.

— E todos estes gentis-homens, replicou Carlos, erão tambem convidados?

— Que gentis-homens? disse Henrique deitando uma vista d'olhos circular e interrogativa em derredor de si.

— Oh! os vossos huguenotes, pardieu! disse Carlos: em todo o caso, se alguem os convidou, eu não fui.

— Não, Sr., respondeu Henrique, mas foi talvez M. d'Alençon.

— M. d'Alençon! como he isso?

— Eu! acudio o duque.

— Oh! sim, meu irmão, replicou Henrique, não annunciastes hontem que ereis rei de Navarra? Pois bem; os huguenotes que vos pedirão para rei, vêem agradecer-vos, a vós de terdes aceitado a corôa, e a el-rei de havê-la dado. Não he assim, meus Srs.?

— Sim! sim! bradárão vinte vozes; viva o duque d'Alençon! viva el-rei Carlos!

— Eu não sou rei dos huguenotes, disse Francisco empallidecendo de colera; depois lançando a furto um olhar sobre Carlos: e espero bem, ajuntou elle, que nunca o serei.

— Não importa! disse Carlos, sabereis, Henrique, que acho tudo isto bem extraordinario.

— Senhor, disse o rei de Navarra com firmeza, dir-se-hia, Deos me perdoe, que eu passo por um interrogatorio.

— E se vos eu dissesse que vos interrogo, que responderieis?

— Que sou rei como vós, Sr., disse com orgulho Henrique; porque não he a corôa, mas o nascimento quem faz a realeza, e que eu responderei ao meu irmão e ao meu amigo, mas nunca ao meu juiz.

— Quizera entretanto eu saber, murmurou Carlos, a que me decidir uma vez na minha vida.

— Tragão M. de Mouy, disse d'Alençon, que vós o sabereis. M. de Mouy deve estar preso.

— Está entre os presos M. de Mouy? perguntou o rei.

Henrique teve um momento de inquietação, e cambiou um olhar com Margarida; mas foi esse momento de curta duração.

Nenhuma voz respondeo.

— M. de Mouy não se acha entre os presos, disse M. de Nancey; alguns dos nossos homens suppõem tê-lo visto, mas nenhum tem certeza.

D'Alençon mrmurou uma blasphemia.

— Oh! disse Margarida mostrando La Mole e Cocannas, que tinhão ouvido todo o dialogo, e com cuja intelligencia ella suppunha poder contar; Sr., eis-alli dous gentis-homens de M. d'Alençon, interrogai-os, elles responderáõ.

O duque sentio o golpe.

— Eu os fiz prender justamente para provar, que elles me não pertencem, disse o duque.

O rei fitou os dous amigos, e estremeceo ao tornar a vêr La Mole.

— Oh! oh! temos ainda este Provençal?, disse elle.

Cocannas fez uma garbosa reverencia.

— Que fazieis vós, quando vos prendêrão? disse o rei.

— Senhor nós conversavamos em feitos de guerra e d'amor.

— A cavallo! armados dos pés á cabeça! prestes a fugir?

— Não, Sr., disse Cocannas, e V. magestade está mal informado. Nós estavamos deitados á sombra de uma faia, *sub tegmine fagi.*

— Ah! vós estaveis deitados á sombra de uma faia.

— E até podiamos ter fugido se suppozessemos ter de qualquer maneira incorrido na colera de V. magestade. — Dizei, meus Srs., sob vossa palavra militar, disse Cocannas voltando-se para os soldados, não julgais que, se houvessemos querido, poderiamos nos ter escapado?

— A verdade he, disse o official, que estes Srs. não fizerão movimento algum para fugir.

— Porque os seus cavallos estavão longe, disse o duque d'Alençon.

— Peço humildemente perdão a monsenhor, disse Cocannas, mas eu tinha o meu entre as pernas, e o meu

(*) Vide *Diario* n.º 51.

O Sr. presidente, conformando-se com a decisão do jury, condemna o réo *a tres mezes e meio de prisão com trabalho e nas custas, sendo a metade paga pela municipalidade.*

A's cinco horas levanta a sessão, e declara que a de amanhãa começará à mesma hora, que a de hoje.

Rendimento da mesa da recebedoria de rendas internas geraes, no mez de fevereiro p. p.

A saber :

Foros de terrenos de marinha.		48,820
Laudemios		12.500
Siza dos bens de raiz.		1:724,857
2.ª decima, de mão morta		515,596
Novos e velhos direitos.		116,346
Direitos de chancellaria.		5,870
Dizima da mesma		467,082
Matriculas do curso juridico.		3:481,600
Sello fixo	1:386,780	2:384,700
Dito poporcional . .	997,920	
Patente dos despachantes da alfandega . .		212,500
Emolumentos de certidões		3,524
Cartas de bachareis		8,000
Meia siza de escravos.		2,200
Sello de heranças e legados.		12,000
Decima urbana.		56,700
Imposto de lojas abertas.		1:770,120
Dito de barcos do interior.		43,200
Taxa de escravos		451,000
Total.		11:316,615

Recebedoria, 3 de março de 1846.

O escrivão,

Estanilão Pereira de Oliveira.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

A polaca brasileira *Asylo*, entrada hontem da Bahia, com 9 dias de viagem, trouxe-nos jornaes daquella provincia, dos quaes a ultima data he de 17 do mez ultimo.

Nada alli havia occorrido de extraordinario á excepção do que noticião o *Correio* e *Mercantil* em os artigos, que ácima deixàmos transcriptos.

Correspondencia.

Srs. Redactores.— Lendo em dous periodicos de differente opinião as noticias, que dão sobre os successos novamente occorridos na villa do Ipù, vi que ambos depõem profundamente contra a familia toda de Mourões no Ceará, cada qual mais satanico em attribuir-lhe um epitheto, desgraçadamente applicado á totalidade daquella familia; quando devião fazer uma necessaria distincção. Ambos expõem os acontecimentos, e referem a maldade d'elles à familia em geral; mas he preciso, que o publico sensato entre no conhecimento, de que o que ha de máo nesses factos, assim como em outros, que correm como obra da familia, não compete senão à um ramo d'ella, ramo que a porção cordata e pacifica tem tratado de expellir de seu seio: eu, como imparcial em semelhante negocio, apresentarei, em defensa da honra e probidade, o que realmente existe, e mostrarei aos leitores daquelles periodicos o como indevidamente se tem querido misturar na pratica de horriveis attentados pessoas, que pelo contrario aborrecem os crimes, com aquellas, que desejão mesmo praticalos. A familia Mourão toda em massa, em 1834, 35, 36 e 37, foi martyrisada por dous presidentes do Ceará, e um do Piauby; tiverão assim os mais Cordeiros, como os Marradores da familia, chuveiros de tropas pelas suas terras, observando serem injusta, e barbaramente açoutados seus aggregados e escravos; vendo suas casas corridas, volvidas, revolvidas; esmagados com prisões sobre prisões, aterrados com a ameaça de serem victimas sacrificadas à uma atroz perseguição, como resultou ao honrado ancião Alexandre da Silva Mourão! Que scenas de barbaridade e tyrannia!! E porque tamanha perseguição á uns? Por seus crimes!... Mas aos outros, cidadãos pacificos, porque se martyrisava? Só porque erão parentes daquelles!!.. Aonde mais injustiça?!... Porém, os Marradores, como erão solteiros, vendo-se perseguidos pelos seus mesmos inimigos particulares, constituidos pelo presidente agentes da fôrça publica, (pois de tal modo era entendida a ordem superior), refugiárão-se nas brenhas; e ahi mesmo forão vedados de reposo; retirárão-se para esta provincia, donde voltárão para a do Ceará, quando nova ordem de cousas appareceo: forão então livres todos. Mas d'ahi por diante os teve sempre em vista a porção pacifica da familia, e considerando com dôr os males horriveis, que havia feito soffrer à toda a familia tão indigno ramo, começárão a separar-se pouco e pouco. Vamos agora à perseguição, *inaudita e injusta*, que fazem no Ipú as autoridades à seus inimigos politicos. Estas autoridades todas são d'aquella mesma familia, e como a porção sediciosa, passados alguns annos depois de serem livres, ia de novo abysmando-se em incendiosos crimes, tratárão-se então os Cordeiros da familia de os soffrear (pois não estavão dispostos a supportar, segunda vez, tantos desatinos, e as horriveis consequencias, que delles resultassem), mas, como o bravo não se contenta com redeas, forão pouco e pouco esporando-os; e os Marradores com as suggestões dos que os querião de seu lado, excitárão-se à tal ponto, que derão lugar aos horrorosos factos já sabidos! Eis, portanto, a razão, por que dizem ser perseguição à inimigos politicos, eis a razão por que dão o epitheto de harpijas às autoridades do Ipú, e eis a razão em fim, por que irrogão crimes ao delegado Manoel Ribeiro Mello, ao subdelegado João Ribeiro Mello, e ao coronel Francisco Paulino Galvão!... Ao passo que se forceja para extinguir-se o crime, não he possivel com a politica do Ceará! Oh! meu Deos! em que tempo estamos nós?! Em lugar de desapparecer o vicio, submerge-se a virtude! Lançai vosso raio vingador!... derramai vossos effluvios de misericordia! Semeai a virtude no coração dos humanos, ceifai-lhes o incendioso crime!

Ficar-lhes-ha obrigado, por inserir no seu *Diario* estas linhas, Srs. Redactores, o seu assignante e leitor,

Luiz Lopes Teixeira Mourão Junior.

Olinda, 1.º de março de 1846.

Publicação a pedido.

Illms. Srs. — Tendo lido nos diversos jornaes os felizes resultados obtidos pelo guano nas pessoas affectadas da elephantieses, e sabendo, que o dito guano se acha a venda nesta praça, muito desejava, que VV. SS. se dignassem comprar uma pequena porção para se fazerem algumas experiencias nos doentes do hospital entregues a minha inspecção: e para se conseguir o desejado effeito de uma tal experiencia, rogo a VV. SS., que a bem da humanidade hajão de convidar aos respeitaveis membros do concelho de salubridade publica, e aos meus collegas do grande hospital, e aos mais professores desta cidade, a fim de que em sessão geral possamos procurar um meio de tirar resultado de semelhante applicação.

Rogo, pois, a VV. SS., que deliberem sobre a justa reclamação, que a VV. SS. tomo a liberdade de endereçar.

Deos guarde a VV. SS. - Recife, 2 de março de 1846. = Illms Srs. presidente e membros da administração geral dos estabelecimentos de caridade.— *João Francisco de Oliveira*, cirurgião dos lazaros.

COMMERCIO.

Alfandega.

RENDIMENTO DO DIA 4. . . . . 1:258$400

Descarregaõ hoje 5.

Brigue—*Amelia*—mercadorias.
Brigue—*Heliopolis*—idem.
Patacho—*C.-H.-Rogers*—idem.
Brigue—*Constantino*—canos de ferro.
Brigue—*Juno*—carvão.

Consulado.

RENDIMENTO DO DIA 4.

Geral.	2:041$978
Provincial.	913$070
Diversas provincias	82$403
	3:037$451

Movimento do Porto.

Navios entrados no dia 4.

Rio-de-Janeiro; 16 dias, brigue americano *Russian*, de 222 toneladas, capitão John C. Carter, equipagem 10, em lastro; a H. Forster & Companhia.

Montevidéo; 32 dias, barca sarda *Rifronte*, de 193 toneladas, capitão Caetano Gazola, equipagem 14, em lastro; a José Saporite.

Mar-Pacifico, tendo sahido de Fair-Haven, ha 27 mezes, galera americana *Columbus*, de 382 toneladas, capitão Frederick Fish, equipagem 30, carga azeite; ao capitão.

Rio-Grande-do-Sul pela Bahia, 50 dias, e do ultimo porto 9 dias, polaca brasileira *Asylo*, de 142 toneladas, capitão José Manoel Teixeira, equipagem 10, carga carne; a João Francisco da Cruz.

Montevidéo; 32 dias, brigue dinamarquez *Luisa*, de 133 toneladas, capitão Nicoláo Lourenço Elbert, equipagem 8, em lastro; a Frederico Robiliard.

Alcobaça; 20 dias, hiate brasileiro *S.-Benedicto-Grande*, de 37 toneladas, capitão Nicoláo Lopes Ferreira, equipagem 7, carga farinha: ao capitão.

Navios sahidos no mesmo dia.

Bahia; brigue inglez *Glaucus*, capitão Joseph Banks, carga a mesma, que trouxe.

Trieste com escala pelo Canal; galera austriaca *Geovanni-Maria*, capitão Felluta, carga assucar.

New-Bedford; galera americana *Canadá*, capitão W.ᵐ Topham, carga a mesma, que trouxe.

Fair-Haven; galera americana *Columbus*, capitão F. Fish, carga a mesma, que trouxe.

Edital.

Miguel Archanjo Monteiro de Andrade, official da imperial ordem da Rosa, cavalleiro da de Christo, e inspector d'alfandega de Pernambuco por Sua Magestade Imperial, que Deos guarde, etc.

Faz saber, que no dia 5 do corrente ao meio dia, a porta da alfandega, se hão de arrematar, em hasta publica, 18 peças de seda no valor de 790$ rs., impugnadas pelo leitor conferente Gustavo José do Rego, no despacho por factura de L. Bruguière, sob n. 3164; sendo a arrematação subjeita a direitos. Alfandega, 3 de março de 1846.

Miguel Archanjo Monteiro de Andrade.

Declaraçaõ.

— O arsenal de guerra precisa comprar azeite de carrapato, dito de côco, fio de algodão e torcidas: quem taes generos tiver para vender, mande ao mesmo arsenal, até o dia 6 do andante mez, suas propostas em carta fechada. Directoria do arsenal de guerra, 3 de março de 1846. — O escripturario, *Francisco Serafico de Assis Carvalho.*

THAETRO PUBLICO.

Funcção lyrica.

A companhia italiana, para servir aos muitos senhores, que pedirão a repetição do ERNANI, tem determinado dar esta *ultima* representação lyrica (se a venda dos bilhetes cobrir as despezas) no dia 12 do corrente.

Avisos maritimos.

=O brigue nacional *Amorim* sahe para Macció até o dia 8 do corrente: quem quizer carregar ou ir de passagem, dirija-se ao capitão a bordo, ou a casa de Amorim Irmãos.

= O brigue *Nero* sahe com brevidade para o Rio-Grande-do-Sul; recebe unicamente escravos a frete: quem os pretender mandar, entenda-se com Leopoldo José da Costa Araujo.

— Para o Porto sahe, nestes 4 dias, o brigue portuguez *Primavera*, de que he capitão José Carlos Ferreira Soares, por já se achar carregado; sómente recebe passageiros, para o que tem muito bons commodos: quem quizer ir de passagem, trate com o dito capitão, ou com o consignatario Antonio Joaquim de Souza Ribeiro.

— Para o Aracaty sahe, com a maior brevidade possivel, o brigue-escuna *Ayena*: para carga trata-se com Novaes & Companhia, na rua do Trapiche, n. 34, segundo andar.

= Para a Bahia sahe, até o dia 9 do corrente, o hiate nacional *Fere-Fogo*, de primeira marcha: quem quizer carregar, ou mandar escravos de passagem, dirija-se a rua do Vigario, n. 5, armazem do Borges.

Leilões.

— O leilão dos Srs. M.ᶜ Calmont & Companhia, de tintas a oleo, oleo de linhaça e agoa-raz, annunciado para o dia 3, transferio-se para hoje, 5 do corrente, em consequencia de se não ter declarado, que se venderião igualmente 30 barricas de gesso, e terá lugar no armazem grande, na rua de Apollo, da casa onde residio o Sr. consul de Portugal.

Avisos diversos.

= Precisa-se saber, se a casa sita na rua do Padre Florianno, n. 52, está desembaraçada para poder subjeitar-se a qualquer onus.

SOCIEDADE THEATRAL MELPOMENENSE.

O primeiro secretario avisa aos Srs. socios, que sexta-feira, 6 do corrente, haverá sessão da sociedade, pelas 5 horas da tarde, na casa de suas reuniões, na rua Cruz, n. 5.

=O abaixo assignado lendo, no *Diario-novo*, a declaração do Sr. subdelegado do termo do Limoeiro, sobre um escravo Manoel responde, que o dito escravo he pertencente ao inventario do finado Antonio Machado da Cunha, do qual he o abaixo assignado testamenteiro; o qual roga providencias, a fim de que o dito escravo venha remettido para a cadeia desta cidade do Recife. — *Ignacio Nunes de Oliveira.*

= A direcção da sociedade theatral Melpomenense tem aberto uma subscripção para com seu producto soccorrer os Cearences, victimas da fome, e flagellos da secca, e convida a todos os Srs. socios para concorrerem com suas assignaturas, dirigindo-se a casa do thesoureiro, na rua da Cruz, n. 43.

= Precisa-se de mandar copiar certos papeis, com brevidade, e em boa lettra: quem a isto se propozer, dirija-se a rua da Aurora, n. 42, segundo andar, das 6 as 8 horas da manhãa, e das 3 as 6 da tarde.

= Manoel Antonio Ribeiro, embarca para fóra da provincia os seus escravos Filipe e Francisco, de nação Angola.

— Aluga-se uma casa terrea na rua Bella, com duas salas, 3 quartos, quintal, cacimba e cozinha fóra: a tratar na rua do Collegio, n. 15, segundo andar.

— Aluga-se uma casa terrea na rua da Concordia, n. 5: a tratar na mesma rua, n. 3.

= Offerece-se um moço portuguez para caixeiro de padaria, ou de venda, que de tudo tem bastante pratica: quem de seu prestimo se quizer utilisar, dirija-se a rua do Caldeireiro, n. 60.

= Deseja-se fallar com a Senhora Maria Virissima, que foi recolhida do convento de N. S. da Gloria, desta cidade, e he irmãa do Reverendo Lourenço Luis de Carvalho: em Fóra-de-Portas, rua dos Guararapes, n. 32, ou annuncie sua morada.

= O abaixo assignado, doutor em medicina pela faculdade da Bahia, tem a honra de offerecer seu prestimo medico ao respeitavel publico desta provincia, offerecendo-se igualmente a receitar *gratis* as pessoas desvalidas, durante o espaço das 6 as 9 horas da manhãa, em casa de sua residencia, no primeiro andar do sobrado n. 33, na rua do Livramento.

Candido Gonçalves da Rocha.

= Para ama de casa para cozinhar, coser e lavar, trata-se na de Manoel Coco, n. 20.

— Arrendão-se duas grandes olarias em S. Anna, com barro dentro para toda obra, e muito terreno para plantações, e 3 casas, sendo uma dellas com commodos para grande familia, com quintal, contendo muitos pés de laranjeiras e de café, e boa cacimba: a tratar em S. José do Manguinho, sitio de portão de ferro, defronte da igreja.

— Na rua do Hospicio, n. 28, fazem-se excellentes bolinhos para chá, de todas as qualidades, e optimos biscoutinhos, tanto d'agoa como doces.

= Desappareceo, desde a Capunga até o Recife, uma cachorra branca, com uma malha parda; roga-se a quem a tiver, o favor de a mandar entregar, na rua do Cabugá, n. 3, que será bem recompensado.

Aterro-da-Boa-Vista, n. 5.

Pommateau, cutileiro e amolador de todos os ferros, que pertencem a cutilaria, previne aos seus freguezes, que, além dos ferros de sua arte, tambem fabrica-se na sua officina qualquer obra de aço, com toda a perfeição, como sejaõ esporas e freios de todos os feitios, todos os instrumentos de cirurgia e de dentista, concertos de espingardas, fazendo peças novas, sendo precisas. Quarta-feira e sabbado de cada semana, são os dias destinados para amolar toda a qualidade de ferros cortantes.

No mesmo estabelecimento tambem se alugão espingardas de caça, pagando o aluguel de cada dia.

Tambem ha para vender uns pucaros de uma massa composta de ingredientes infalliveis contra a ferrugem.

---

amigo o conde Lérac de La Mole tinha o delle pelas redeas.

— He isto verdade, camaradas? disse o rei.

— He verdade, Sr., respondeo o official, até M. de Cocannas se apeou do seu ao avistar-nos.

Cocannas fez um tregeito com pretenções de sorriso, que significava: — bem vêdes, Sr.!

— Mas esses cavallos pelo cabresto, mas essas mulas, mas esses bahús de que ellas estão carregadas? perguntou Francisco.

— Eu sei cá! disse Cocannas, somos nós estribeiros, fazei procurar o palafreneiro que os guardava.

— Não se achou ahi, disse o duque furioso.

— Então he que ausentou-se, e terá fugido, replicou Cocannas; não se póde exigir de um villão a calma de um gentilhomem.

— Sempre o mesmo systema, disse d'Alençon rangendo os dentes. Felizmente, Sr., eu vos preveni que estes Srs. ha alguns dias não estavão mais ao meu serviço.

— Eu, disse Cocannas, teria a desgraça de não pertencer mais a V. alteza!.....

— Oh! morbleu! Sr. meu, vós o sabeis melhor do que ninguem, pois que me déstes a vossa demissão em uma carta bem incivil, que eu conservei, graça a Deos, e por fortuna tenho-a aqui.

— Oh! disse Cocannas, eu esperava que V. alteza me tivesse perdoado uma carta escripta n'um primeiro movimento de máo humor. Tinha eu sabido que V. alteza quizera n'um corredor do Louvre, estrangular o meu amigo La Mole.....

— O que diz elle ahi? interrompeo o rei.

— Eu julgára que V. alteza estava só, continuou Cocannas ingenuamente. Mas soube depois que outras tres pessoas.....

— Silencio! disse Carlos, estamos sufficientemente informados. — Henrique, disse elle ao rei de Navarra, dais-me vossa palavra de não fugir?

— Eu a dou a V. magestade, Sr.

— Voltai a Paris com M. de Nancey, e ficareis preso na vossa camara. — Vós, Srs. meus, continuou elle dirigindo-se aos dous gentis-homens, entregai vossas espadas.

La Mole olhou para Margarida. Esta sorrio-se. Immediatamente La Mole entregou a espada ao capitão que era quem estava mais proximo á elle.

Cocannas fez outro tanto.

— E M. de Mouy, achárão-o? perguntou o rei.

— Não, Sr., disse M. de Nancey, ou elle não estava na floresta, ou se escapou.

— Tanto peior, disse o rei. Voltemos. Estou com frio, e tenho a vista turva.

— Senhor, he da colera sem duvida, disse Francisco.

— Sim, talvez. Onde estão os presos? Não enchergo mais. Pois já he noite? Oh! misericordia! eu ardo!.... Acudão-me! acudão-me.

E o desgraçado rei, soltando as redeas do cavallo, estendeu os braços, e cahio para trás sustentado pelos cortesãos espantados deste segundo ataque.

Francisco, desviado, limpava o suor da fronte, porque só elle conhecia a causa do mal que atormentava seu irmão.

Do outro lado, o rei de Navarra, já sob a guarda de M. de Nancey, considerava toda esta scena cada vez mais admirado.

— Oh! oh! murmurou elle com essa prodigiosa intuição que algumas vezes fazia delle um homem por assim dizer illuminado, terei eu de me dar por feliz de ter sido preso na minha fugida?

E fitou Margarida, cujos grandes olhos, dilatados pela sorpreza, se volvião delle para o rei, e do rei para elle.

Desta vez estava o rei sem conhecimentos. Mandou-se vir uma padiola, sobre a qual o estendêrão. Cobrirão-o com um capote que um dos cavalleiros tirou dos hombros, e a comitiva seguio tranquillamente o caminho de Paris, donde pela manhãa havião sahido conspiradores alegres e um rei contente, e onde entrava um rei moribundo ladeado de rebeldes presos.

Margarida que em tudo isto não havia perdido a sua liberdade nem do corpo, nem do espirito, fez um ultimo signal de intelligencia a seu marido, e passou depois tão junto de La Mole, que este póde ouvir estas duas palavras gregas, que ella deixou cahir:

— *Mé déidé.*

Isto he.

— Não temas nada.

— Que disse ella? perguntou Cocannas.

— Disse-me que nada temesse, respondeo La Mole.

— Tanto peior, murmurou o Piemontez, tanto peior. Isto quer dizer que a cousa não vai bem para nós. Todas as vezes que essa palavra me tem sido dirigida, a maneira de alento, tenho no mesmo instante recebido ou uma bala em qualquer parte, ou uma estocada no corpo, ou um vaso de flores na cabeça. Não temas nada, quér em hebreo, quér em grego, quér em latim, quér em francez sempre significou para mim: *Guarda lá de baixo!*

— A caminho, meus Srs., disse o official.

— E, sem indiscrição, Sr. meu, perguntou Cocannas, onde nos levão?

— A Vincennes, creio eu, disse o official.

— Quizera antes ir á outra parte, disse Cocannas; mas em fim nem sempre vai a gente aonde quer.

Pelo caminho, havia o rei tornado a si e recobrado alguma força. Em Nanterre tinha elle querido montar a cavallo, mas não lh'o havião consentido.

— Mandai chamar mestre Ambrosio Paré, disse Carlos ao chegar ao Louvre.

Pos-se a pé, subio a escada encostado a Tavannes, e ganhou o seu aposento, onde deu ordem que ninguem o seguisse.

Todos notárão a sua gravidade; durante toda a viagem havia elle profundamente reflectido, sem dirigir palavra a ninguem, e não se occupando mais nem da conspiração nem dos conspiradores. Era evidente que o que lhe absorvia a attenção era a sua molestia.

Molestia tão subita, tão extraordinaria, tão aguda, e de cujos symptomas alguns erão os mesmos que se havião observado em seu irmão Francisco II algum tempo antes da sua morte, dava a todos que cuidar.

Por isso a prohibição feita a quem quér que fosse, excepto mestre Paré, de entrar no aposento do rei a ninguem admirou. Todos sabião, que a misanthropia era o fundo do genio do principe.

Carlos entrou no seu quarto de dormir, sentou-se sobre uma especie de cadeira longa, encostou a cabeça sobre coxins, e, reflectindo que mestre Ambrosio Paré podia não estar em casa, e tardar a vir, queria utilisar o tempo da espera.

Em consequencia bateo palmas, e appareceo um guarda.

— Ide dizer ao rei de Navarra que lhe quero fallar, disse Carlos.

O guarda inclinou-se e obedeceo.

Carlos deitou a cabeça para trás, um peso horrivel de cerebro lhe deixava apenas a faculdade de ligar as suas ideias, um como nevoeiro sanguinolento fluctuava-lhe ante os olhos; tinha a boca secca, e, sem saciar a sede, havia já bebido uma garrafa d'agoa.

No meio desta somnolencia a porta abrio-se e Henrique appareceo; M. de Nancey o seguia de perto, mas parou na ante-camara.

O rei de Navarra esperou, que se tornasse a fechar a porta.

Então avançou.

— Senhor, disse elle, mandastes chamar-me? eis-me aqui.

O rei estremeceo à esta voz, e fez o movimento machinal de estender a mão.

— Sr., disse Henrique deixando as suas mãos aos lados, V. magestade esquece que não sou mais seu irmão, mas seu prisioneiro.

O LIDADOR.

O n. 90 achar-se-ha a venda as 4 horas da tarde, na praça da Independencia, livraria ns. 6 e 8.

O CLAMOR PUBLICO.

O n. 79 achar se ha a venda as 11 horas do dia, na praça da Independencia, livraria ns. 6 e 8.

A CARRANCA.

O n. 67 achar-se-ha a venda, na praça da Independencia, livraria ns. 6 e 8.

AVISO IMPORTANTE.

O abaixo assignado tem a satisfação de annunciar ao respeitavel publico, que pela barca sarda *Concordia*, vinda de Boston, entrada neste porto no preterito mez de fevereiro, ha recebido novo provimento de pilulas vegetaes do doutor Brandreth.

Estas pilulas, cujo autor basta para garantir sua excellencia, tornão-se estas recommendaveis, não só pela bem merecida celebridade e reputação, que teem adquirido, pelos maravilhosos beneficios colhidos de sua applicação em molestias graves; mas tambem por ser um medicamento completamente inoffensivo: podendo applicar-se a ambos os sexos, em qualquer idade.

Ao annunciante cabe a gloria de asseverar ao publico (o que já por mais vezes tem feito), que são as unicas verdadeiras de seu proprio autor, e por esta occasião, em beneficio da humanidade, avisa a seus futuros freguezes, não confundão estas com as envoltas em papel, e lacradas em preto, as quaes teem gyrado nesta praça intitulando-se verdadeiras!!

Os pretendentes encontrarão as verdadeiras, unicamente na botica da rua da Cadeia-Velha, n. 36, de Vicente José de Brito.

— Constando aos abaixo assignados, que alguem trata de assoalhar, que existe lançada em um cartorio, sem dizer de qual escrivão, uma escriptura de trato social, em que limitamos quantia certa para responsabilidade das transacções, que fazemos na nossa casa de cambio, que, já ha quatro annos, se acha estabelecida na rua da Cadeia do Recife, n. 34, gyrando debaixo da firma social de Lourenço, Basto & C.: por este declaramos que nunca fizemos tal escriptura, e desafiamos a quem quér que seja o autor de tal asserção, para que publique por certidão uma tal peça: portanto declaramos mais, que sempre nos consideremos, e continuamos a considerar-nos solidarios, e como taes responsaveis pelas transacções da firma de Lourenço, Basto & C., como que assignassemos cada um de per si, ou todos em geral. Recife, 2 março de 1846.

José Antonio Lourenço.
José Antonio Basto.
Gregorio Antunes de Oliveira.

—Antonio Joaquim Gonçalves Guimarães retira-se para fóra da provincia.

— Quem tiver uma preta, que saiba cozinhar o diario de uma casa e engommar, querendo aluga-la para esse fim, em casa de pouca familia, dirija-se a rua do Livramento, n. 11, ou annuncie.

Loteria de S. Pedro Martyr de Olinda.

Continúa a estar á venda nas lojas de cambio dos Srs. Vieira, e Manoel Gomes, no bairro do Recife, e no do Santo Antonio, nas lojas dos Srs. Menezes, na rua de Collegio, e Gusmão na rua do Queimado, e nas boticas dos Srs. Moreira Marques, e Chagas, o resto dos bilhetes desta loteria, cujas rodas terão o seu infallivel andamento no dia 17 do corrente mez.

— Precisa-se de um bom padeiro para ir para fóra da praça: na rua do Queimado, n. 4.

=O abaixo assignado, lendo no *Diario* de 3 do corrente um annuncio do Sr. Manoel Rodrigues da Silva Figueiredo, em que faz publico ter comprado a loja do Sr. Carlos João de Souza Correia, na rua do Queimado, n. 61, declara ao mesmo e ao publico, que o dito Sr. Carlos só tem na dita loja as fazendas, sendo a armação pertencente ao proprietario da mesma, José Felix da Cruz e Silva, sogro do abaixo assignado. *Francisco Antonio da Silva.*

— Aluga-se o segundo andar da casa n. 20 da rua Direita, com boa vista, e bons commodos; assim como o primeiro andar do sobrado da rua da Senzalla-Velha, junto ao Sr. Lasserre, muito fresco, e com bons commodos: a tratar na rua do Collegio, segundo andar, n. 14, ou no Recife, armazem de Bacellar, a fallar com J. Marcellino da Rosa.

= Tem-se justo e tratado a compra de uma casa sita na rua Velha do bairro da Boa-Vista, n. 121, com a Senhora D. Anna Joaquina Wanderley: se alguem se achar com direito na dita casa por hypotheca, herança, ou outro qualquer titulo, por onde possa embaraçar a dita venda, haja de annunciar por esta folha, no prazo de oito dias; do contrario não será mais admittida reclamação alguma.

= Precisa-se de 600$ rs. a premio, hypothecando-se 3 escravos; e compra-se uma commoda de angico em bom uso, sendo por preço commodo: quem tiver, annuncie.

— Precisa-se de um caixeiro habil, para uma padaria, e que entenda de venda, dando fiador a sua conducta: trata-se na venda, que faz esquina para a rua do Rangel, na pracinha do Livramento.

— Roga-se aos Srs. Joaquim Mathias Vianna, Severianno Bandeira de Mello, José Joaquim da Cunha Junior, Antonio, caixeiro que foi do Sr. Novaes, e Antonio de Barros, de annunciarem suas moradas, ou dirigirem-se a rua da Praia, n. 7. Na mesma casa vendem-se 15 meios de sola da matta, e sal branco por preço commodo.

— Quem tiver uma preta, que saiba cosinhar o diario de uma casa, e engommar bem, querendo aluga-la para o fim acima, e não para a rua, dirija-se a rua do Hospicio, n. 44, ou annuncie.

—Aluga-se a casa, que se está concertando na praça da Boa-Vista, aonde teve venda Joaquim de Paula Lopes: a tratar no pateo do Carmo, com Bernardino Francisco de Azevedo Campos.

— O abaixo assignado faz sciente ao respeitavel publico, que tem nesta data constituido por seus bastantes procuradores aos seus genros e filho, João Nepomuceno Barrozo, João José de Carvalho Moraes, e Marcolino Gonçalves da Silva. — Recife 2 de março de 1846. = *Francisco da Silva.*

= Quem quizer mandar levar roupa, e engommar, dirija-se a loja do unico sobrado da rua da Viração, que será promptamente, e com asseio servido, por menos do que em outra qualquer parte. Na mesma casa admittem-se escravas, para se ensinar a coser, fazer lavarinto, marcar e fazer renda, por modico preço.

=Carlos Dubois, relojoeiro, retira-se para fóra da provincia: e, querendo liquidar, venderá de hoje em diante relogios de todas as qualidades pelo preço do custo, assim como aviamentos de relojoeiro e ferramentas, etc., etc. Por esta occasião pede ás pessoas, que teem relogios para concertar na sua officina, hajão de os mandar buscar para evitar duvidas: pede tambem as pessoas a quem dever, que lhe apresentem suas contas para serem pagas; e as pessoas, que lhe devem, que lhe mandem pagar seus debitos.

— O abaixo assignado, lendo no *Diario* de sexta-feira, 27 de fevereiro p. p., o annuncio do Sr. Nicoláo Rodrigues da Cunha, com que pretende vender a armação da venda do pateo do Hospital do Paraizo, n. 27, com sotão e mais pertences, por preço commodo, declara, que a casa n. 27, desde sua fundação, muito antiga, sempre teve esse mesmo sotão, que muita gente tem visto, e sabe; e que d'elle mesmo fazem menção antigas escripturas de venda da referida casa, entre as quaes he a de João de Barros Corrêa e sua mulher, no anno de 1790; a de um Trindade e sua mulher, em 1796, no cartorio do escrivão Varella; e depois a de doação com clausula pelo reverendo doutor Antonio Machado Portella, já fallecido, á favor de alguem, etc., etc.; e ultimamente, que em 1844, na sentença civel de formal de partilhas, no cartorio do escrivão Rego, á favor da mãi do mesmo abaixo assignado, os avaliadores do termo mencionão esta mesma casa, n. 27, com seu sotão: pelo que, o abaixo assignado, como senhor e possuidor de metade da referida casa, e em nome de sua tia D. Izabel Barboza Rodrigues Machado Freire, senhora e possuidora de outra metade, declara, para que ninguem se chame a ignorancia, que protesta por qualquer procedimento e prejuizo de venda, ou demolimento do referido sotão, e por qualquer ruina da casa por este motivo: outro sim, que prohibe-se ao Sr. Nicoláo o traspasse, a quem quér que seja, das chaves da casa com seu sotão; assim como queira desoccupa-la, quanto antes, tirando a armação de taberna, que, por sua, nella está.

Caetano Alberto Teixeira Cavalcante.

= Precisa-se de um escravo ou escrava para vender azeite de carrapato na rua, dando-se 320 por canada, de vendagem: na rua Direita, n. 18.

Trancelins de qualquer modelo, anneis, fitas, flores, adereços, pulceiras, brincos, &c.; tudo o mais bem feito possivel e por preço modico.

= Na rua do Rangel, n. 9, tirão-se passaportes para dentro e fóra do imperio, e despachão-se escravos, tudo com brevidade e por preço commodo.

— José Antonio de Magalhães Basto faz publico, que Domingos Alves Barboza deixou de ser seu caixeiro, desde o dia 2 do corrente mez.

— Precisa-se de uma ama com muito e bom leite, que seja livre e desimpedida, e que saiba bem pensar uma criança; na rua da Praia de S. Rita, sobrado n. 1.

= Aluga-se um primeiro andar em Fóra-de-Portas, passando o arsenal de marinha, casa da esquina do lado da maré grande, n. 135.

— Precisa-se de um cocheiro, que tenha boa conducta: na rua do Crespo, n. 9.

= Os Srs., que encommendárão pés de parreiras, na rua do Rozario da Boa-Vista, n. 2, queirão mandar buscar, pois já se achão promptos.

= Na rua da Cadeia, n. 45, deseja-se saber se nesta praça existe Francisco Moreira de Souza Meirelles; ou quem do mesmo souber fará o favor de dar noticias.

— Offerece-se uma mulher capaz para ama de casa de um homem solteiro, ou casado com pouca familia, para o serviço interior: quem de seu prestimo se quizer utilisar, dirija-se a rua do Fogo, n. 50.

= Alugão-se duas canoas de conduzir agoa, em bom estado; quem tiver, dirija-se a rua da Concordia, casa da aferição.

— Precisa-se de quatro contos de réis a premio de um por cento ao mez, pago o premio mensal ou por quarteis, e offerecendo-se as garantias precisas em taes negocios; quem os quizer dar, dirija-se ao capitão Mathias de Albuquerque Mello, que está incumbido deste negocio.

=Arrenda-se um sitio com casa de sobrado, muitos e diversos arvoredos de fructo, muita terra, que se póde applicar a cultura, e a pastagem de vaccas, em Belém; seis casas terreas na Passagem da Magdalena, e mais uma padaria neste mesmo lugar: na rua da Gloria, sobrado n. 59.

—F. N. Colaço faz publico, que em o dia 16 do corrente pretende abrir em sua casa um curso de geometria e outro da lingoa ingleza: os Srs., pois, que quizerem frequentar qualquer destes cursos, podem procurar o annunciante na rua da Santa Cruz, n. 38.

= Machado & Pinheiro embarcão para o Rio-Grande-do-Sul o escravo Thomé, crioulo, pertencente a Antonio de Almeida Rozario, do Maranhão, e a escrava Josquina, de Angola, pertencente a João Antonio de Lourido, da mesma praça.

= Precisa se de um caixeiro para um deposito de assucar e café, que se abrio de novo: na rua da S. Cruz da Boa-Vista, n. 60.

Compras.

— Compra-se o livro — Medicina Curativa — de terceira edição, do autor Le Roy; na rua de Apollo, tanque d'agoa, n. 28.

— Compra-se uma carteira de viagem, que esteja em bom estado; na rua Direita, refinação, n. 22.

— Compra-se um moleque de nação, de 14 a 18 annos, sem vicios nem achaques, de bonita figura; na rua da Concordia, casa da aferição.

= Compra-se uma carroça com pipa, para conduzir agoa, em bom estado; na rua da Concordia, casa da aferição.

— Comprão-se escravos de ambos os sexos; sendo de 12 a 20 annos, e com boas figuras, pagão-se bem: na rua Nova, loja de ferragens, n. 16.

— Comprão-se, para fóra da provincia, escravos de 13 a 20 annos; sendo de bonitas figuras, pagão-se bem: na rua da Cadeia de S. Antonio, sobrado de um andar, de varanda de pão, n. 20.

Vendas.

= Vende-se, por preço commodo, um escravo muito possante e proprio para todo o serviço de campo, do que tem pratica, e para servente de uma casa; na rua da Praia de S. Rita, n. 3.

— Vendem-se dous quartáos, sendo um capado, os quaes estão em boas carnes: na rua do Rozario, venda n. 1.

= Vestem-se anjos para procissão, com perfeição, e por preço commodo; na esquina da rua do Cabugá, junto a botica do Sr. João Moreira.

—Vendem-se dous pardos moços, bons carreiros; um dito de 16 annos, optimo para pagem; 2 moleques de nação, de idade de 18 annos; 6 escravos de nação, com bonitas figuras, e bastante pratica do serviço de campo; duas escravas, de idade de 18 a 22 annos com varias habilidades, por preço commodo: na rua Direita, n. 3.

=Vende-se uma boa casa de taipa, bem feita, na principal rua de Pedras-de-Fogo, por preço commodo; tambem se troca por um escravo, de idade, sem achaques: no Aterro-da-Boa-Vista, fabrica de licores, n. 26.

= Vende-se uma escrava da Costa, moça, robusta, faz o diario de uma casa, e tem muita propensão para ganhadeira, ou quitandeira, sem vicios nem achaques: na rua de S. Francisco, n. 66, segundo andar.

=Vende-se, na esquina da praça da Independencia, n. 39, um completo sortimento de calçado para senhora e meninas; optimo chá; meias e luvas para senhora, homem, e padre; suspensorios patentes; agulhas douradas, em caixinhas; bicos; rendas; fitas; rapé de differentes autores; e todas as miudezas, a preços baratos.

= Vendem-se brins de côres, muito fortes, a 400 e 480 rs.; dito branco, de listras, a 240 rs.; lãs para calças, do melhor gosto, pelo baratissimo preço de 480 rs. o covado; cortes de cassa com 8 jardas cada um, a 2200 e 4000 rs.; lenços de cassa pintada e com cercaduras, a 240 e 320 rs.; esguião de puro linho, a 1000, 1100 e 1200 rs.; chitas sortidas, escuras e brancas, a 160 rs. o covado; algodão de listras trançadas, americano, muito forte, proprio para calças e camisas de pretos, pelo bom preço de 240 rs. o covado: no Aterro-da-Boa-Vista, loja n. 14.

= Vendem-se as seguintes novellas: Celestina, ou os esposos sem o serem, 4 v., 2000 rs.; Ivanhoé, 3 v., 3000 rs.; Vademeco dos poetas, 1 v., 800 rs.; cartas de Echo a Narciso, 1 v., 800 rs.; as Mulheres celebres, 1 v., 240 rs.; a Freira esclarecida; e outras muitas obras para o curso juridico, e estudo de latim; historia dos crimes do governo inglez, 1 v., 1600 rs.; o Soldado portuguez, folheto, 240 rs.; Pascal Bruno, romance historico, 1 v., 640 rs.; obras completas de Condilac, 23 v., 14$ rs.; Codigo civil, 1 v., 3000 rs.; methodo de piano, encadernado, 6000 rs.; Museu Pittoresco, 10$ rs.; Mil e uma noutes, em francez, 5000 rs.; elementos de historia geral em francez, 11 v., 6000 rs.; Voltaire, 5 v., 3000 rs.; collecção das leis, 3 v. encadernados, 15$ rs.; Waverley, romance, 4000 rs.; Ivanhoé, 3000 rs.; Mannerino, 3$ rs.: na rua do Crespo, escadinha, n. 11.

= Vende-se potassa americana, ultimamente chegada, em barris grandes e pequenos; lenços pretos, de seda da India; setim preto de Macáo; velas de espermacete, de 4, 5 e 6 em libra; cera amarella; algodão grosso para saccos; tudo por preço commodo: em casa de Matheus Austins & Companhia, na rua da Alfandega-Velha, n. 36.

—Ah! ah! he verdade, disse Carlos, fico-vos obrigado de m'o haverdes lembrado. E não he só isto, tambem me lembra que promettestes responder-me francamente, quando estivessemos a sós.

— Estou prompto a cumprir essa promessa. Interrogai, Sr.

O rei deitou agoa fria na mão, e pos essa mão na testa.

— Que he de verdadeiro na accusação do duque d'Alençon? Vejamos, respondei, Henrique.

— A metade sómente: era M. d'Alençon que devia fugir, e eu que devia acompanha-lo.

— E porque devieis vós acompanha-lo? perguntou Carlos, não estais então satisfeito commigo, Henrique?

— Não, senhor, pelo contrario, só tenho de que agradecer a V. magestade, e Deos que lê nos corações, vê no meu quão profunda he a affeição que tenho por meu irmão e por meu rei.

— Parece-me, disse Carlos, que não he natural fugir dos que amamos e que nos amão!

— Tambem eu, disse Henrique, não fugia dos que me amão, e sim dos que me detestão. Permitte-me V. magestade que lhe falle com o coração nas mãos?

— Fallai, Sr.

— Os que me detestão aqui, senhor, são M. d'Alençon e a rainha-mãi.

— M. d'Alençon não digo que não, replicou Carlos, mas a rainha-mãi tem por vós mil attenções.

— He justamente por isso que eu desconfio della, senhor. E tenho rasões para desconfiar.

— Della?

— Della, ou dos que a ladeão. Vós sabeis, que a desgraça dos reis, senhor, não está sempre em serem muito mal, mas muito bem servidos.

— Explicai-vos, he um trato que fizestes de tudo me dizer.

— E V. magestade vê que eu o cumpro.

— Continuai.

— V. magestade ama-me, segundo me disse?

— Isto he, amava-vos antes da vossa traição, Henriquinho.

— Supponde que me amais ainda, Sr.

— Seja assim.

— Se me amais, deveis desejar que eu viva, não he assim?

— Muito me affligiria, se te acontecesse uma desgraça.

— Pois bem! Sr., por duas vezes tem V. magestade escapado de affligir-se.

— Como he isso?

— Sim, porque por duas vezes só a Providencia me tem salvado a vida. He verdade que a segunda vez a Providencia havia tomado as feições de V. magestade.

— E a primeira vez que mascara tinha ella tomado?

— A de um homem que ficaria bem admirado de se vêr confundido com ella, de René. Sim, vós, Sr., me salvastes do ferro....

Carlos carregou o sobr'olho, porque se lembrava da noite em que elle havia conduzido Henrique á rua de Barros.

— E René? disse elle.

— René salvou-me do veneno.

— Irra! és afortunado, Henriquinho, disse o rei tentando dar um sorriso, do qual uma dôr viva fez uma contracção nervosa. Não he esso o seu officio.

— Dous milagres, pois, me salvárão, Sr. Um milagre de arrependimento da parte do Florentino, outro de bondade da vossa parte. Ora, bem! eu o confesso a V. magestade, receio que Deos se canço de fazer milagres, e quiz fugir em rasão deste axioma: Faze a tua diligencia, e Deos te ajudará.

— Porque não me dissestetu isto ha mais tempo, Henrique?

— Se vos eu dissera estas mesmas palavras hontem, era um denunciante.

— E dizendo-m'as hoje?

— Hoje, he outra cousa; sou accusado, e defendo-me.

— Estás tu certo dessa primeira tentativa, Henriquinho?

— Tão certo como da segunda.

— E tentárão envenenar-te?

— Tentárão.

— Com que?

— Com opiato.

— E como se envenena com opiato.

— Eu sei! Sr., perguntai a Rene; envenena-se até com luvas....

Carlos franzio as sobrancelhas; depois pouco e pouco a fronte se lhe desenrugou.

— Sim, sim, disse elle, como se entre si fallára, he da natureza de todo o ente creado fugir da morte. Porque não faria então a intelligencia, o que faz o instincto?

— Então, Sr.! perguntou Henrique, está V. magestade satisfeito da minha franqueza, e crê que tudo lhe disse?

— Sim, Henriquinho, sim, e és um honrado moço: e julgas tu que os que te querem mal não estejão ainda cançados, e fação novas tentativas?

— Senhor, todas as noites, eu me espanto de me achar ainda vivo.

— He porque sabem que eu te amo, vês tu, Henriquinho, que te querem matar. Mas, fica socegado; elles serão punidos de sua má vontade. Por enquanto estás livre.

— Livre para deixar Paris, Sr.? perguntou Henrique.

— Não; tu bem sabes que me he impossivel passar sem ti. Oh! mil nomes de um diabo! forçoso he ter eu alguem que me ame.

— Então, senhor, se V. magestade me conserva junto a si, queira conceder-me uma graça....

— Qual?

— He de me não deixar com o titulo de amigo, e sim com o de preso.

— Como de preso?

— Oh! sim. Não vê V. magestade que a sua amisade he que me perde?

— E antes queres o meu odio?

— Um odio apparente, Sr. Este odio me salvará em quanto me julgarem em desgraça. Haverá menos pressa de vêr-me morto.

— Henriquinho, eu não sei o que desejas; não sei qual o teu fim; mas, se os teus desejos se não cumprirem, se não attingires o fim a que te propões, ficarei bem admirado.

— Posso então contar com a severidade de el-rei?

— Sim.

— Então estou mais tranquillo. — Agora que ordena V. magestade?

— Recolhe-te ao teu aposento, Henriquinho. Eu estou muito incommodado, vou vêr os meus cães, e metter-me na cama.

— Senhor, disse Henrique, V. magestade deveria ter mandado chamar um medico, a sua indisposição de hoje he mais do que pensa.

— Mandei vir mestre Ambrozio Paré, Henriquinho.

— Com esta certeza me retiro mais socegado.

— Pela minha alma, disse o rei, creio que de toda a minha familia és tu o unico que me ama verdadeiramente.

— He essa na verdade a vossa opinião, Sr.?

— A fé de gentilhomem.

— Pois bem! recommendai-me a M. de Nancey como um homem a quem a vossa colera não dá um mez de vida: he o meio para que vos eu ame muito tempo.

— M. de Nancey, gritou Carlos.

O capitão das guardas entrou.

— Entrego a vossa vigilancia o maior criminoso do reino, continuou o rei, pela vossa cabeça me respondereis por elle.

— E Henrique, com physionomia consternada, sahio após M. de Nancey.

(*Continuar-se-ha*).

POR TODO PREÇO

vendem-se os livros seguintes, em bom estado: Obras de Montesquieu, 8 vol.; Contos de Mme. de Genlis, 3 v.; Théatre de education, por Mme. de Genlis; Les vielles des Chateaux; Histoire de Theodorie le Grand; Quinographia portugueza; collecção de leis militares, por Muniz Barreto; Conessance de mithologie; Goveia Pinto; Synopsis e additamentos; Rhetorica de Quintiliano; Gomes Freire, Ensaio sobre a organisação do exercito; Bossuet, Arithmetica; Indice chronologico e numerico; La theorie et la pratique de la coup de pierres e des bois, ou tratado de stereometria para uso dos engenheiros; Histoire du Nouveau-Testement; Instrucções a officiaes de infantaria; Anecdotes de Napoleon; Anecdotes françaises; Florian, La belle Italienne; Memoire de Sully; Psalms and hymns; Livro da cozinha (inglez); Common Player; Cartas familiares de Montesquieu; Instrucções de Beresford; Collecção de memorias sobre a cultura e commercio do canamo; Historia da Inglaterra, por Hume, em 13 vol.; e varios outros livros, tanto francezes, inglezes e italianos, como portuguezes: na rua do Aterro da Boa-Vista, venda n. 34.

=Vende-se uma mulatinha, de idade de 17 annos, de bonita figura, sabe bem coser; uma negrinha, de 12 annos, tambem cose; um cabrinha de 10 annos; um preto de bonita figura, bem moço, perfeito carreiro: no pateo da matriz de S. Antonio, sobrado n. 4.

= Vende-se um sobrado de 2 andares, na ilha de S. Miguel, em uma das melhores ruas da cidade: a tratar no Aterro-da-Boa-Vista, venda n. 80.

=Vendem-se ricos cortes de vestido de fazenda indiana imitando seda, o mais superior que tem apparecido, tanto pelos bonitos padrões como pelas côres fixas, e pela muita duração, seu diminuto preço he de 3000 rs. cada corte; mantas de seda para senhora, as mais superiores, que teem apparecido, pelo barato preço de 3000 a 12$ rs. cada uma; sarja de seda preta para vestidos, a 1440 rs. o covado; dita hespanhola, larga e muito superior, a 2600 rs. o covado, meias de seda, de peso, brancas e pretas, a 3000 rs. o par; ditas pretas para homem, a 2$ rs. o par; ditas de algodão pretas para homem, imitando seda, a 320 rs. o par; meias de linho para homem, muito finas, a 500 rs. o par; luvas pretas sem dedos, as mais superiores que ha, a 1000 rs. o par; casimiras para calças, a 1000 rs. o covado; dita elastica, muito superior, e de duas larguras, a 4200 rs. o covado; cassachitas para vestido, a 3$ rs. o corte; cambraias; parisienses; chitas francezas, largas e estreitas para vestidos; tudo por preço muito barato; assim como um bom sortimento de fazendas para calças, e outras muitas fazendas por preço muito em conta: na rua do Crespo, loja nova, n. 12, de José Joaquim da Silva Maia.

=Vende-se uma marqueza semelhante a sophá, um par de bancas e seis cadeiras tudo d'oleo, uma cama de amarello bastante fornida e de armação moderna, está prompta de cortinados de cassa de bom gosto, guarnecidos de franja franceza, e tem enchergões, que tudo está novo, sem ao menos ter sido levado uma só vez, em razão de serem feitos, ha 4 mezes; uma meia-commoda de conduru'; uma mesa de jantar, de pinho, com gaveta, e o mais fornida possivel; meio apparelho de louça azul, do ultimo gosto, sendo 10 duzias de pratos sortidos, uma terrina grande, com seu competente prato debaixo e colher, 4 pratos, 2 com tampas e dous sem ellas, duas terrinas pequenas para molho, uma saladeira, 8 pratos travessos, 12 copos para agoa, 12 calices, duas garrafas, duas compoteiras, tudo de cristal fino e do ultimo gosto; um apparelho para chá, com 18 chicaras e pires de ramos pretos; um par de lanternas lisas; e muitos outros arranjos precisos em uma casa, que se venderão muito barato, porque o dono retira-se desta provincia; advirtindo que tudo tem muito pouco uso: na rua Bella, n. 15.

= Vendem-se 3 caixões em bom estado, proprios para venda, ou para qualquer deposito de padaria; na rua do Rangel, n. 45.

= Vende-se AZEITE DOCE, muito superior, em garrafões de 25 garrafas; e AZEITE DE COCO, as canadas; nos armazens de deposito de azeite de carrapato, na rua da Senzalla-Velha, n. 110: aonde tambem se vendem alguns cascos vasios de azeite, arqueados de ferro.

=Vende-se uma venda com os fundos, que convierem ao comprador, no Aterro-da-Boa-Vista, n. 54, e se promette fazer todo o negocio, a dinheiro, ou a prazo, com boa firma. O motivo, por que se faz este negocio, he tão sómente porque o dono da dita venda pouco ou nada entende deste estabelecimento, e mesmo porque, tendo outro negocio, se não póde occupar neste.

= Vende-se um pão para tipoia, muito bem feito, por preço commodo: na rua dos Crespo, n. 2.

= Vende-se um sitio na estrada do João de Barros, junto ao becco do Espinheiro, com boa casa de vivenda, feita a moderna, toda envidraçada, com bastantes commodos, 3 ditas de taipa, com 130 braças de fundo e 90 ditas de frente, bastantes arvoredos de fructo, cacimba, terras proprias, por commodo preço; na rua dos Pires, n. 58.

= Vendem-se e alugão-se bichas de Hamburgo, de superior qualidade, por preço commodo; na rua do Trapiche-Novo, n. 26.

=Vende-se uma preta de Angola, de idade de 18 a 20 annos, de bonita figura, não tem vicio algum, cozinha o diario de uma casa, he boa lavadeira de sabão e varrella, engomma liso, entende de boceteira, e he muito fiel; uma dita crioula, de boa figura, boa cozinheira, tanto de forno como de fogão, cose bem chão, engomma soffrivel, e he boa refinadeira de assucar: na rua do Crespo, n. 12, a fallar com José Joaquim da Silva Maia.

= Vende-se uma casa meia-agoa, sita na rua Augusta, com 30 palmos de largo e muito fundo; no pateo do Carmo, venda n. 1.

= Vende-se uma casa terrea na travessa do Lobato, n. 10, ao pé do S. Thereza; no pateo do Carmo, venda n. 1.

= Vende-se uma moeda encastoada em ouro de lei, uma medalha, um coração, 6 colheres de prata de lei, tudo sem feitio; no largo do Carmo, venda n. 1.

= Vendem-se duas canoas, sendo uma de 1200 tijolos, e a outra de 800 ditos; na rua das Cruzes, n. 42.

MUITO BARATO!

No Aterro-da-Boa-Vista, n. 10,

vende-se sarja de seda hespanhola, muito superior, a 2000 rs.; gros de Napoles preto para vestido de senhora, pelo barato preço de 800 rs. o covado; merinó preto, muito superior, a 3200 e 4$ rs.; princeza muito fina, com 7 palmos de largura, a 1400 rs. o covado, casimira de lãa, com quadros e listras, muito superior fazenda e de lindos padrões, a 460 rs.; brins de linho com listras de côres, e muito fortes, a 320 e 400 rs. o covado; dito pardo, trançado, a 600 rs a vara; dito branco de listras, a 240 rs. o covado; ricos cortes de chita a turca, a 3800 rs.; chitas finissimas de padrões chinezes, a 260 rs.; ditas rouxas avelludadas, a 200 rs.; e outras de diversas côres fixas, a 180, 160 e 140 rs. o covado; meias de seda preta para homem, muito superiores, a 1$ rs. o par; lós pretos, muito finos, de marca pequena, a 4000 rs.; algodão trançado de listras, americanos, muito fortes para roupa de escravos, a 240 rs.; dito com vara de largura, pelo mesmo preço; franklim com 7 palmos de largura, a 1120 rs. o covado; e outras muitas fazendas por preço commodo.

— Vende-se muito superior potassa da Russia, em barris pequenos, pelo modico preço de 240 réis a libra: na rua do Trapiche, armazem de José Teixeira Basto.

— Ha um deposito de mechas phosphoricas brasileiras, por preço mais em conta possivel, nas lojas dos Srs. Guedes & Mello, no Recife, rua da Cadeia; Thomaz Pereira de Mattos Estima, no Aterro-da-Boa-Vista.

= Vendem-se dous bonitos pardos para pagens; 4 pretos, excellentes escravos e bonitos; um cabrinha, de 10 annos; uma preta de bonita figura, cose, lava e cozinha o diario de uma casa; vendem-se todos em conta: na rua da Cruz, n. 3.

Tivolly da rua do Crespo.

= Na loja da esquina da rua do Collegio, com frente para o arco de S. Antonio, vende-se seda de xadrez para vestido, a quatro patacas e meia o covado; luvas de seda preta e de côres, com meios dedos e sem elles, proprias para senhora, a doze vintens o par; sarjas pretas, fabricadas em Lisboa, a dous mil rs. o covado; dita hespanhola, muito boa, por preço commodo; merinó preto com 7 palmos de largura, a trez mil rs. o covado; alpaca muito propria para casacas e sobre-casacas, a cinco patacas o covado; princeza preta com 7 palmos de largo, a quatro patacas o covado; chitas de Roberto do Diabo, a meia pataca o covado; riscados largos, tecidos, com padrões escuros, a nove vintes; ditas francezas de xadrez, a doze vintens o covado; chitas francezas largas, o riscados turcos, a pataca o covado; um bom sortimento de chales e lenços de todas as qualidades; boas mantas de setim, modernas; tafetás de todas as côres; galões; rendas; espeguilhas; volantes; papel meio hollanda, a dous mil e oitocentos rs. a resma; lenços imitando a seda, a doze vintens; e outras muitas fazendas, como chapeos de sol, de seda, a cinco mil e quinhentos rs., e outros com barra de superior seda, a sete mil rs.

Potassa americana.

Vende-se a 240 rs. a libra, da melhor e mais nova, que existe neste mercado; no armazem do Braguez ao pé do arco da Conceição, ou a tratar com J. J. Tasso Junior.

Vende-se, na rua da Cruz, n. 60, primeiro andar, cera em velas, recebida directamente de uma das melhores fabricas do Rio-de-Janeiro; he de optimo sortimento, e por preço mais barato do que em outra qualquer parte.

= Vende-se um sobradinho por detrás da igreja de S. Rita, n. 46: a tratar no Recife, loja de Manoel Gonçalves da Silva.

Vendem-se borzeguins gaspeados para homem, de ns. 35 e 37, a 4$500 rs.; ditos de meia gaspea, de ns. 37, 38 e 43, a 4$000 rs.; ditos de ponta de lustro a 3$200 rs.; botins de Lisboa a 2$560 rs.; sapatos francezes, de duas palas, a 3$600 rs.; sapatos de marroquim, francezes, com fitas, para senhora, a 1$200 rs.; ditos de cordavão, de Lisboa, para senhora, a 900 rs. o par; ditos de lustro para menina, n. 27, a 900 rs.; ditos de tapete a 1$000 rs.; ditos para menino (chiquitos) a 100; e outras muitas qualidades, por preço commodo, na rua da Cadeia do Recife, n 35.

= Vende-se uma duzia de cadeiras; duas bancas; um sophá; um canapé; uma mesa redonda de meio de sala; uma dita de jantar; uma commoda; um par de mangas de vidro: no becco do Rosario, sobrado de um andar, com tres portas, n. 5.

— No armazem do Braguez ao pé do arco da Conceição, vendem-se boas batatas das ilhas, a 800 rs. a arroba.

= Vende-se rapé imperial, em libras, meias ditas, e oitavas; nas lojas seguintes: rua da Cadeia-Velha, dos Srs. Guedes & Mello; rua do Crespo, loja de escadinha; rua do Quartel, de Victorino de Castro Moura; Aterro-da-Boa-Vista, de Caetano: o preço he de 2000 rs. a libra, e 30 rs. a oitava.

MUITO BARATO.

=Vende-se um pequeno sitio a margem do Capibaribe, com casa de vivenda, coqueiros e terra para plantar alguma cousa, agoa de beber, muito fresco e alegre, com estrada pela Passagem, e pelos Afogados; as mais proporções se dirão ao comprador: na rua de Agoas-Verdes, n. 21.

—Vende-se CERA EM VELAS, do Rio-de-Janeiro, em caixas sortidas, a vontade do comprador; COLLA SUPERIOR DA BAHIA: na rua da Senzalla-Velha, n. 110.

— Vende-se, ou permuta-se por casas terreas nos 3 bairros do Recife, um armazem grande de pedra e cal, com 50 palmos de frente, na rua de Apollo, no Recife, n. 30, da parte da maré, com muitas proporções para se levantar um elegante predio, e com desembarque no fundo, proprio para algum estabelecimento, que se quizer pôr, por ser tambem de esquina, e por se lhe poderem abrir portas e janellas no oitão da parte do Norte; e juntamente com o mesmo predio vendem-se duas canoas d'agoa, uma nova e a outra em bom uso, duas abertas e grandes, e 5 escravos canoeiros: a tratar na rua da Senzalla-Nova, venda de José Pereira.

=Vende-se um moleque de bonita figura, de idade de 12 annos, sem vicios nem achaques; farinha de mandioca da terra, muito boa, em alqueires pela medida velha caculada: na rua do Rangel, venda n. 50.

= Vende-se, por preço muito commodo, para fechar uma conta, superior setim preto da India, e pentes de marrafa; na rua da Cadeia, n. 52, casa de Luiz Gomes Ferreira & Companhia.

=Vende-se uma casa grande e com bons commodos, quintal bastante grande, e com varios arvoredos, na rua da Conceição, n. 14: a tratar na dita casa.

= Vendem-se moendas de ferro para engenhos de assucar, para vapor, agoa e bestas, de diversos tamanhos, por preço commodo; e igualmente taixas de ferro coado e batido, de todos os tamanhos: na praça do Corpo Santo, n. 11, em casa de Mc. Calmont & Companhia, ou na rua de Apollo, armazem, n. 6.

= Vendem-se 4 escravos bons para o trabalho de campo; um moleque peça, de 18 annos, official de alfaiate, e bom pagem; 2 mulatinhos de 16 annos, de muito boas figuras para pagens; um preto velho, por 100$ rs., bom para trabalhar em um sitio e botar sentido; 4 pretas moças, duas engommão, cozinhão e lavão roupa, tudo fazem bem; uma parda, de 35 annos, boa ama de uma casa: na rua do Crespo, n. 10, primeiro andar.

= Vende-se a armação da venda da rua do Padre Floriano, n. 71, com todos os pertences, por preço commodo: a tratar na mesma venda.

—Vendem-se batatas superiores em qualidade, por preço commodo; no armazem do Sr. Antonio Annes, do caes da Alfandega.

= Vende-se, por preço commodo, a dinheiro, ou parte a prazo, um sobrado de dous andares, sito na rua estreita do Rozario, em chãos proprios, que rende 28,000 rs. mensaes: a tratar na rua do Nogueira, n. 27.

= Vende-se, por commodo preço, um lindo jogo de gamão novo, com tabolas e copos de marfim; na rua Nova, n. 40, das 6 as 9 horas da manhãa, e das 4 as 6 da tarde.

— Vendem-se 12 escravos, chegados proximamente do Aracaty, sendo 3 pretas, de 20 annos, lavão, cosem, cozinhão e engommão; uma negrinha de 12 annos, com principios de costura; uma dita de 9 annos; duas cabras negras, de 20 annos; um pardo, de 20 annos, muito bom carreiro; uma parda com 2 filhos de 6 a 8 annos; tudo por preço commodo: na rua da Cruz, n. 51.

= Vendem-se dous pretos peças, moços e de mui lindas figuras, proprios de todo o serviço de casa e de campo, e até para pagens; na rua da Cadeia de S. Antonio, n. 25.

= Vendem-se barricas de tapioca, alguma cousa trigueira, a dez patacas a barrica; no armazem de Dias Ferreira, no Recife.

= Vende-se uma preta moça; na rua de Agoas-Verdes, n. 15, se dirá o motivo da venda.

= Vende-se cera em velas do Rio-de-Janeiro de muito bom sortimento, mais barato, que em outra qualquer parte; farinha de araruta, a 200 rs. a libra; cerveja superior, a 360 rs. a garrafa: na venda nova n. 9, defronte do Passeio.

= Vende-se, na casa de J. Cardoso Ayres, rua da Cadeia do Recife, uma obra publicada no Rio-de-Janeiro em 1843, intitulada *Diccionario de Medicina Popular*, ou a medicina ao alcance de todas as classes da sociedade pelo doutor Chernoviz, 2 volumes em quarto, contendo 950 paginas, por 10$ rs., brochados, e 12$ rs., encadernados.

— Vendem-se muito bons charutos regalos, primores, caçadores e outras qualidades, em caixas de cem charutos, da fabrica de Francisco Gros, na Bahia; no unico deposito, na rua da Cruz, no Recife, n. 26, primeiro andar.

— Vende-se uma casa de 3 andares, na rua de S. Francisco, n. 26, defronte da cadeia, de optima construcção, por ser antiga, podendo ficar como nova, com qualquer pequena despeza de pintura, caiziibos, ou algum pequeno reparo semelhante, com quintal murado e cacimba: a tratar no segundo andar do mesmo sobrado, com a sua proprietaria, que está disposta a vender por preço muito em conta.

— Relogios de ouro, patente inglez, já examinados e approvados aqui, vendem-se a dinheiro, por preço muito baixo; correntinhas da ultima moda, padrão = Principe Alberto =; e tambem um chronometro para navio, bem regulado: na rua do Trapiche, n. 40.

— Vende-se cerveja branca e preta de Londres, fabrica de Barclay & Companhia, a melhor, que ha; ha um lote menos estimado da branca, que se vende mui barato para fechar uma conta; tambem se vendem vinhos superiores para gosto particular, sendo da Tenriffe, Hespanha e do Porto: na rua do Trapiche, n. 40, casa do Christophers & Donaldson.

— Vende-se um pardo, moço e sadio, de 20 annos, vindo do sertão; na rua da Cadeia, n. 18, das 10 horas da manhãa em diante.

— Vende-se pescada fresca em salmoura; na rua da Madre-de-Deus, armazem n. 20, defronte da igreja.

— Vende-se um sobrado de dous andares e sotão,

sito na rua estreita do Rozario, com bastantes commodos, quintal grande e cacimba; e com muito boa vista; na rua do Queimado, loja de ferragens, n. 35, se dirá quem vende.

= Vende-se a olaria da passagem do Caldeireiro, da parte do Barbalho, com barro dentro para toda obra, boa baixa de capim, onde entrão as marés, e ajuntando-se-lhe terreno sufficiente, que admitte 12 e mais vaccas de leite annualmente: a tratar na mesma olaria com Anselmo José Pinto de Souza.

= Vende-se setim de Macáo, sarja preta hespanhola, muito boa; sedas escocesas de lindos padrões; véos pretos e brancos; luvas de pellica e de seda; chapeos francezes para homem; ditos de sol para homem e senhora; bons bezerros de lustro; borzeguins para homem e senhora; e um completo sortimento de calçado: na rua Nova, n. 8, e na esquina da rua do Cabugá, n. 21, lojas de Amaral & Pinheiro.

= Vendem-se saccas de bom milho, a 3000 rs. a sacca; no armazem do Braguez.

=Vende-se uma preta de nação, de bonita figura, de 20 a 22 annos, boa cozinheira e lavadeira, com principios de engommar, não tem vicio de qualidade alguma; o motivo da venda se dirá ao comprador: na rua Formosa, n. 1. das 6 as 9 horas da manhãa, e de tarde de uma até a noute.

= Vendem-se casaes de pombos bons batedores, e de todas as côres, por todo o preço; na rua Formosa, n. 1.

=Vende-se um preto de bonita figura, de idade de 20 annos, com principios de canoeiro, e proprio para todo o serviço; uma preta, de idade de 18 a 20 annos, de bonita figura, muito sadia, boa lavadeira e engommadeira: na rua da Cadeia do Recife, loja de João da Cunha Magalhães.

Escravos Fugidos.

— Fugio, na madrugada do dia 7 do passado, da cidade de Olinda, uma parda de nome Cosma, parecendo branca, por ser bastante clara, cabellos cortados e corridos, estatura mediana, não mal parecida, olhos pretos e grandes, sobrancelhas grossas, com falta de dentes na frente, peitos grandes, pés e mãos regulares; em um dos pés tem uma pequena ferida entre os dedos, que não a deixava andar bem; o dedo do meio da mão direita, na ultima junta, he defeituoso de um panaricio; representa 20 a 22 annos de idade; levou, além da roupa do corpo, uma trouxa com um vestido de chita novo e algumas camisas, sendo 3 de madapolão fino, ainda em folha, e 45$ rs. em cedulas: quem a pegar, leve a sobredita cidade de Olinda, na rua do Passo-Castelhano, casa contigua ao theatro, ou no Recife, na rua da Aurora, n. 12, que será generosamente recompensado.

= Fugio, no dia 30 de janeiro, um escravo crioulo, de nome Roberto, alto, secco, barbado, pés grandes, côr preta, bem esperto, e por isso póde ser que até ande calçado; levou calças de riscado azul, chapeo de seda preta usado, e mais uma trouxa de roupa: quem o pegar, leve a rua da Concordia, n. 3, que será generosamente recompensado.

— Fugio, no dia 5 de agosto do anno p. p., uma escrava de nome Marcolina, de nação Cambinda, bastante alta, cara comprida, com todos os dentes, pés bastante grandes, mal feitos e atorneзados, bem fallante, costuma a beber, mas não cahe: quem a pegar, leve a cidade de Olinda, rua do Amparo, defronte da igreja do mesmo nome, que será generosamente recompensado

— Fugio, no dia de entrudo, uma preta crioula, de nome Florencia; levou vestido branco e saia preta, panno da Costa; com signaes pelo corpo como de bexigas seccas; foi escrava do fallecido padeiro João Maluco, na rua das Larangeiras; a qual se julga andar pelo Porto-das-Canoas, cidade e estrada nova, por ter ahi amizade: quem a pegar, leve as Cinco-Pontas, venda n. 4, que será recompensado.

— Continua a estar fugido o CRIOULO IZIDORO, de 20 e tantos annos de idade, estatura regular, secco do corpo, e magro do rosto e retincto; andava calçado; he official de alfaiate, por cujo officio trabalhava na rua Nova, nas lojas francesas, e tambem bolieiro; foi escravo do Exm. barão de Itamaracá, que o vendeo a seu actual senhor, Alves Vianna, na rua da Senzalla-Velha, n. 110; o qual offerece 100,000 rs. de gratificação a quem lh'o entregar.

100$000 réis de gratificação

a quem trouxer um escravo de nome Antonio, nação Muchicongo, de estatura regular, pouco se entende do que falla, he delgado do corpo, pés pequenos e seccos, o rosto descarnado, os dentes da frente um tanto sahidos; levou vestido ceroula de algodão e camisa de baeta. Este escravo já fez uma fugida, e foi pegado na villa do Cabo; e em fins de outubro proximo passado fugio de um sitio do engenho Junqueira: quem o levar a seu senhor Gaspar da Silva Froes, na rua das Trincheiras, n. 18, ou no dito engenho a Miguel Garcez Alves Lima, receberá a quantia acima.

— Fugio, no dia primeiro do corrente, uma preta de nome Catharina, de nação Benguela, ainda moça, de boa estatura, algum tanto peituda, beiços grossos, e algum tanto bicudos, os dentes da frente furados; tem nas costas, do lado direito, duas marcas, que parecem de ventosas, e mais outras de junco; tem o dedo grande da mão direita algum tanto achatado no lugar da unha; no braço direito tem umas marcas, que costumão trazer os da terra delle; levou dous vestidos de chita já desbotados e sujos por cima, e outro de chita escura por baixo, ainda novo, panno da Costa com franja, julga-se ter ido para o matto: quem a pegar, leve a rua do Cabugá, loja de miudezas, n. 1 D, que será recompensado.

PERN.; NA TYP DE M. F. DE FARIA — 1846.